

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020  
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguística.**

## **ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DO POVO MOÇAMBICANO NA OBRA O CANTO DOS ESCRAVIZADOS DE PAULINA CHIZIANE**

Márcia Neide dos Santos Costa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de falar sobre a resistência do povo moçambicano, através da obra de poesias *O canto dos escravizados* (2018), da escritora moçambicana Paulina Chiziane. É a obra mais recente da autora e apresenta versos que sugerem cantos de lamentos, dor, revolta, mas também de enfrentamento, força e luta. É uma escrita áspera que ao mesmo tempo transmite esperança e alento para os africanos no continente e na diáspora. Os poemas revelam um canto ancestral, espiritual. Portanto, faremos a análise de alguns desses poemas para demonstrar as estratégias de Chiziane a fim de continuar resistindo e existindo, com a coragem para enfrentar as novas formas de colonização. Paulina Chiziane se considera contadora de histórias e foi a primeira mulher a publicar um livro em Moçambique com a obra *Balada de amor ao vento* (1990). Em seguida, Chiziane passou a publicar outros livros entre romances e contos: *Niketche: uma história de poligamia* (2002), *As andorinhas* (2013), entre outros. Sua escrita é potente, provocativa, urgente e nos faz repensar sobre o olhar ocidental e estereotipado que ainda existe em torno da África, sobretudo em Moçambique. Utilizaremos como suporte teórico Ana Rita Santiago (2019), Tânia Lima (2013), Tânia Tomé (2013), entre outros.

Palavras-chave: Poesia; Resistência; Paulina Chiziane.

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos Literários (UEFS). E-mail: marcianeide@gmail.com

## Introdução

Para iniciarmos este trabalho, interessante se faz apresentarmos, ainda que brevemente, a autora Paulina Chiziane. Pois precisamos falar de onde vem essa mulher preta, qual sua história e o seu modo de escrever. Ela nasceu em Manjacaze, sul de Moçambique, no ano de 1955. Teve participação na FRELIMO, partido político de Moçambique, lutou a favor da independência de Moçambique. Também esteve envolvida na OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas), em prol das causas femininas. E ao fazer parte da Cruz Vermelha, presenciou cenas muito fortes, deparando-se com cenas de morte, de crianças e adultos.

Chiziane foi a primeira mulher a escrever e publicar um romance no seu país com a obra *Balada de amor ao Vento* (1990). Esse fato é histórico e importante para a carreira literária da autora. Seus livros mais conhecidos no Brasil são: *Niketché: uma história de poligamia* (2002) com o qual ganhou o Prémio José Craveirinha (2003), um prêmio muito importante na literatura; e a obra *O Canto dos Escravizados* (2018), livro o qual estudaremos aqui. Outros livros publicados da autora são: *Ventos do apocalipse* (1993); *O sétimo juramento* (2000); *O alegre canto da perdiz* (2008); *As andorinhas* (2009); *Curta-metragem: Phatyma* (2010); *Na mão de Deus* (2012); *Por quem vibram os tambores do além?* (2013); Artigo: *Eu mulher, por uma nova visão de mundo* (2013); *Ngoma Yethu* (2015).

Paulina Chiziane se considera uma escritora feminina porque a sua escrita aborda, dentre outros aspectos culturais de Moçambique, as questões da mulher, das suas vivências na comunidade, suas relações no casamento, suas dores, mas também suas lutas e conquistas. E também porque é ela, mulher preta, que conta essas histórias através das palavras. Histórias essas narradas como se estivéssemos ao redor da fogueira como é de costume em algumas regiões de Moçambique. Por isso ela prefere ser chamada de contadora de histórias e não romancista. Chamá-la de romancista é tentar enquadrá-la nos padrões europeus que dita as regras de como seriam as estruturas de um romance e o que é necessário para que ele seja bem feito/ escrito, que possa levar ao autor a estar nos cânones da literatura. Chiziane não está preocupada com isso. Ela está interessada em falar do seu povo, da sua história, contando ao seu modo e

valendo das tradições orais de Moçambique. Dessa forma, percebemos que sua escrita apresenta traços da oralidade que diverge da escrita ocidental. Chiziane imprime nas suas narrativas, os costumes dos mais velhos que contam as histórias passadas de geração em geração. Histórias em que se dizem: *Karingana Wa Karingana*, expressão moçambicana utilizada ao iniciar o tempo das histórias orais. Quem começa a história grita *Karingana wa Karinhgana* e os ouvintes respondem: *Karinhgana!*

Seu texto é recheado de metáforas, lirismo e poeticidade, com um teor crítico reflexivo. É a narrativa de sua própria história, narrada por quem conhece bem os fatos. Ela descontrói as histórias contadas por um único olhar eurocêntrico.

Nas palavras de Amanda Guizzo Zampieri:

A escritora questiona também toda a teia de relações históricas, políticas, econômicas e de gênero responsáveis pela opressão da mulher africana e de sua exclusão no discurso de formação da nação em meio e após o processo de independência de Moçambique. Suas histórias também desvelam a força da natureza africana, cuja simbologia está associada às personagens (a mulher – seus desejos e sentimentos – é representada nos movimentos da terra, do céu, do mar, do vento, das plantas); está presente nos rituais, sejam eles de iniciação ou magia negra, e está manifestada na vida e no imaginário africano. (ZAMPIERI, 2014, p.172)

São essas as temáticas que o leitor se depara ao ler a obra de umas das maiores escritoras contemporâneas da literatura africana.

### **O canto dos escravizados**

A primeira edição publicada em 2017 e a segunda em 2018, o livro de poemas é a obra mais recente da autora e apresenta versos que sugerem cantos de lamento, dor, revolta, enfrentamento, força e luta. São poemas que transmite alento para os africanos no continente e na diáspora, revelando um canto ancestral, espiritual.

A partir da leitura dos poemas desse livro, este trabalho gira em torno das seguintes questões: De que maneira Paulina Chiziane consegue evidenciar as estratégias de resistência do povo moçambicano através de *O canto dos*

*Escravizados?*; A escritora consegue dar conta desse movimento de resistência na obra? Para isso, vamos apresentar a seguir alguns poemas do livro.

### **Afirma-te**

I

A liberdade veio da luta e do sangue  
Nunca foi dádiva. Alcança-se, perde-se, eclipsa-se  
É fugaz como a gota de água na palma da mão  
Aprende a segurá-la. A amá-la. A conquistá-la.

Conheça as suas manhãs e os seus pontos de fuga  
Persiga-a, proteja-a, se queres ser um homem livre  
Os teus adversários lançaram sobre ti, vultos e fantasmas  
Para reduzir e até eliminar a tua força de combate

Afasta-te das tagarelices do mundo sobre a tua raça  
São para te assustar, cegar e não encontrares o caminho  
Aprende do outro, mas age como queres e como pensas  
Os adversários sentirão a tua firmeza e respeitar-te-ão

Os filhos dos antigos opressores julgam-te menor  
Com julgamentos maus, colocam aridez na tua mente  
Mostra a tua dignidade e livra os ouvidos das palavras más  
E verás como irão corrigir a sua maneira de ver o mundo

II

Quantas vezes não vacilamos por causa das falas do mundo  
Quando sentires medo, respira fundo e recobra a coragem  
Desce para dentro de ti e procura as razões da tua luta  
Deixa a liberdade guiar o teu espírito até ao coração do infinito  
(CHIZIANE, 2017, p. 109).

### **Caminha**

São ainda cruéis os combates pela existência  
Por muitos que sejam as armadilhas, caminha  
Navega sobre o rio que brota das tuas lágrimas  
Não temas o redemoinho das ondas bravas, caminha

As feras rugem aos teus ouvidos: onde julgas que vais?  
Não olha para trás, não as escutes, resiste e caminha  
De todo lado ressuscitam fantasmas medonhos  
Ameaçando trazer a nova escravatura: resiste e caminha

Enche o peito de ar e mergulha no fundo da tua marcha  
Verá a bênção de Deus inspirando-te coragem e força  
Os braços cobiçosos dos marinheiros a desarmar um a um  
E o teu caminho a abrir-se como uma estrada de flores

Quebra o ciclo do ódio, da cobiça e da vingança

Aprende a levitar e a voar por cima dos obstáculos  
Vence o medo e navega os céus com o corpo em terra  
Não estás só, que Deus te protege a toda hora.  
(CHIZIANE, 2017, p. 48).

### **Sereia negra**

Sou sereia negra e renasci das ondas  
Morri acorrentada no navio e não fui escrava  
Danço eternamente no dorso do oceano  
Sou sereia livre cavalgando o mar

O mar, gêmeo da alma africana, é a minha morada  
Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio  
Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés  
Sou sereia bela na dança da eternidade

Como uma boa negra, danço em cada instante  
Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria  
Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi  
Antes morta e livre do que viva e escrava

Sou a atracção fatal e e ninguém resiste ao meu canto  
Mato de amor, piratas, marinheiros, vagabundos do mar  
Por isso me querem violar com a força dos canhões  
Para acabar com a minha virgindade num só golpe

Faço balançar os navios em dias da tormenta  
Divirto-me com as batucadas no alto mar  
Entre dois continentes eu bailo eternamente  
Numa maré estou em África e noutra na América

Sou azul como o céu, e tenho as belezas dos corais  
Do fundo do mar trago a triunfante mensagem dos búzios  
Que anunciam na paz de Deus, o fim do sofrimento  
E o nascimento de uma África que será a luz do mundo.  
(CHIZIANE, 2017, p. 44).

### **Desespero**

Do escravo foi tirada a terra, o nome, a família  
Foi tirada a pátria, a casa, a existência  
Tiraram-lhe o corpo e ficou de alma nua  
Até da saudade o escravo foi privado  
Saudade de quê, se não tem nada nem ninguém?  
Por isso rogamos: Deus, faz então o teu milagre  
E cura a angústia dos africanos nascidos na América (CHIZIANE,  
2017, p. 30).

### **Deixo-te o orgulho de existir**

Berço universal que gerou a pródiga humanidade  
Na tua luz e sombra repousam sabedorias antigas  
És o celeiro dos invasores e a sobrevivência do mundo  
(CHIZIANE, 2017, p. 22).

### **Onde estão eles?**

A vida lhes levou por mil caminhos  
Pelos carreiros cheios de espinhos  
Levam consigo a vontade de viver e de vencer  
Arrastam o estigma colocado sobre uma raça

(...)

São as vítimas preferidas da polícia  
São a maioria da população das prisões  
Habitam as favelas mais sombrias  
Nas periferias de todas as Américas  
(CHIZIANE, 2017, p. 35)

Deixo-te como herança a coragem

“Não queres lutar? Tens medo de morrer?  
Como um morto, tu és tratado mesmo que respires”  
(CHIZIANE, 2017, p. 21).

### **Deixo-te a maior missão: a reconstrução de África**

Aqui houve grandeza destruída pela bárbara invasão  
Aqui reside o útero da vida e o umbigo do mundo  
Aqui é o berço da História  
Do Cabo ao Cairo o vento geme como quem ri e chora  
(CHIZIANE, 2017, p. 22- 23).

### **Aqui estamos!**

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:  
Deus existe! Sem Ele sucumbiríamos nas mãos dos negreiros  
Nem a fome, nem a dor e a tortura, exterminaram a nossa raça  
E resistimos à tortura e morte com a força de diamante  
Ensina África, ao mundo inteiro  
Que Deus existe, pelo milagre de escravos espalhados pelo  
[mundo  
Separados, embora nos erguemos num só grito:  
Aqui estamos para lutar e vencer  
E construir a cantar uma África de liberdade  
(CHIZIANE, 1990, p. 57).

### **Estrada de dor**

Mar: azul horizonte, azul infinito  
A África inteira baila no dorso das tuas ondas  
O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor  
Derramadas pelos cativos em todas as travessias  
Mar, estrada de pavor  
Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta  
Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios, escravos  
Mar, és um eterno cantador como escravo no porão  
És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo  
És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés  
Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência  
(CHIZIANE, 2018, p. 46).

### **Estrada sem rasto**

[...]  
Mar, estrada sem rasto  
Como irei reencontrar os meus ancestrais  
Se apagaste as pegadas de toda a gente?  
Mar medonho, quantos negros afundaste?  
Quantos negros morreram nas tuas águas?  
Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos  
És o maior cemitério de África  
(CHIZIANE, 2018, p. 47).  
Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas  
No azul celeste, no azul intenso  
Na cor do céu e do horizonte  
Reside a dor da minha alma  
Mas, ó mar, estrada do pavor  
Mar, ó mar, consola a minha dor  
[...]  
(CHIZIANE, 2018, p. 48).

### **Canto de glória**

Canto ao amor à minha amada Pátria  
O vibrar dos tambores de África desperta-me para a liberdade  
A dança de sobrevivência afasta, por momentos, a dor de ser  
[escravo  
E faz-me enfrentar o abismo com força diamante  
[...]  
(CHIZIANE, 2018, p. 32).

A partir da análise desses poemas, notamos que Paulina Chiziane demonstra a resistência, as estratégias do povo moçambicano. E com isso, elencamos pelo menos sete itens em que responde as questões levantadas

anteriormente. Ou seja, Paulina Chiziane consegue evidenciar as estratégias de resistência do povo moçambicano, dando conta desse movimento de resistência através do(a):

1. Do grito negro exclamando "não";
2. Do chamado de coragem, de que o nosso navio não será mais negreiro, explorado, escravizado, desumanizado;
3. Da luta pela continuidade da vida, da conquista pela liberdade e enfrentamento das novas formas de colonização.
4. Da escrita negra de combate, de ocupação de espaço na História e no âmbito literário;
5. Da quebra da ideia de uma história única, narrada por quem não conhece a história. É o que afirma Chimamanda Ngozi Adichie (2009) no seu discurso na Conferência anual – ted global 2009–de 21 a 24 de julho Oxford, Reino Unido. Ela problematiza a respeito do perigo da história única, ocidental. E é Paulina Chiziane também nos alerta sobre isso. Portanto Chiziane produz diferença histórica ao utilizar a escrita para enfrentar o dominador e construir uma outra narrativa a partir das suas vivências;
6. Da linguagem literária carregada de metáforas, simbologias, poeticidade, mas ao mesmo tempo, força, potência, propondo desconstrução do pensamento hegemônico;
7. Da narrativa pós-colonial – decolonial: não nega o passado, revisita-o e traz para o presente discursos que devem ser reavaliados, repensados.

Para melhor compreendermos essa discussão sobre o pós-colonial e a escrita de resistência de Chiziane, Inocência Mata afirma:

[...] julgo que os destinadores das teorias pós-coloniais pretendem que elas funcionem, também, como instrumento de análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como seja, por exemplo, o eurocentrismo. (MATA, 2014, p. 31)

Sendo assim, podemos afirmar que os poemas de Chiziane problematizam a colonialidade do ser, do saber, do poder, criticando o sistema que prioriza o

conhecimento eurocentrado e apaga a intelectualidade dos africanos. Laura Padilha também ajuda na discussão quando afirma que:

Os projetos literários nacionais africanos usam, por um lado, da própria língua portuguesa como uma forma de enfrentamento do dominador, buscando romper a rigidez normativa e apresentando distintas soluções verbais para com elas estruturar as bases de uma produção artística em diferença [...]. (PADILHA, 2005, p. 21-23)

Dessa forma, Paulina Chiziane realiza um enfrentamento contra colonização/opressão, quando ela, estrategicamente se utiliza da língua do dominador para escrever a sua maneira, imprimindo as suas marcas no texto: a oralidade, ancestralidade, fugindo as normas e rigidez da estrutura.

### **Considerações finais**

Através da análise do livro *O canto dos Escravizados* (2018), percebemos que Paulina Chiziane é uma intelectual negra que revela, por meio da escrita potente, provocativa e urgente, as estratégias de resistência e reconstrução da sua história. Ela consegue dar conta desse movimento de resistência quando ela mesma reescreve a sua narrativa. Não são apenas as histórias dos brancos europeu, mas a história do seu povo, da sua comunidade. Povo esse que tem suas próprias culturas e tradições.

Portanto esse é um trabalho pertinente para pensar na poética de resistência, de enfrentamento da escritora Paulina Chiziane.

### **Referências bibliográficas**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **CONFERÊNCIA ANUAL** – Ted global. Oxford, Reino Unido, s/p, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2006.

\_\_\_\_\_. **O sétimo juramento**. Lisboa: Caminho, Prosa, 2000.

\_\_\_\_\_. **Niketche: uma história de poligamia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O alegre canto da perdiz.** Maputo: Ndjira, 2010.

\_\_\_\_\_. **O canto dos Escravos.** Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais:** Desconstruindo genealogias eurocêntricas. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p.27-42, jan.-abr. 2014.

PADILHA, Laura. **Da construção identitária a uma trama de diferenças:** Um olhar sobre as literaturas de língua portuguesa. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 73, 2005.

ZAMPIERI, Amanda Guizzo. Paulina Chiziane. In: MASINA, Léa. **Por que ler os contemporâneos?** Autores que escrevem o século 21. Porto Alegre: Dublinense, 2014.